

CAPOEIRA ANGOLA: A LUTA DOS ANCESTRAIS

Coordenador: IVAN LIVINDO DE SENNA CORREA

Essa oficina é vinculada ao Projeto de Extensão Capoeirando no CAP e tem como objetivos refletir sobre a história da Capoeira Angola e o ensino dos seus fundamentos. Quando ensinamos os toques, os movimentos e a roda de Capoeira Angola, nós viajamos no tempo e vivenciamos a luta dos primeiros negros que vieram da África para trabalhar como escravos, principalmente nas plantações cana-de-açúcar e de cacau no nordeste brasileiro. Foi com o objetivo de libertar-se da escravidão que o negro cria uma luta que irá possibilitar a defesa no momento da fuga do cativo. Além de ser uma luta a capoeira se constituía, também numa forma de organização para a libertação. Vai ser nesse contexto que surge a Capoeira Angola. O nome "capoeira" destinado ao local com mato baixo era o espaço de encontro dos negros, onde treinavam a luta e planejavam a resistência e a libertação (fuga). Quando não podiam esconder-se no mato para treinar, os negros reuniam-se para cantar e treinar a luta disfarçada de dança, é o que hoje chamamos de jogo de capoeira. Uma outra versão da origem da capoeira é que seria fruto da "dança da zebre" ou "n'golo", que segundo Assunção e Cobra Manca (2008), é dançado por rapazes nos territórios do sul de Angola, durante o ritual da puberdade das meninas. Esse ritual marca a passagem da moça para a condição de mulher, apta a namorar, casar e ter filhos. É uma grande festa em que se consome muito macau, bebida feita de um cereal chamado massambala. O objetivo do n'golo é vencer o adversário atingindo seu rosto com o pé. Acredita-se que o n'golo teria influenciado os primeiros capoeiras brasileiros, que no decorrer dos séculos criou a Capoeira Angola que teve como seu principal defensor o Mestre Pastinha. A Capoeira Angola distinguiu-se das demais formas de jogar capoeira pelos seus fundamentos: a bateria, os toques, as cantigas, a roda, os movimentos e a teatralidade. A bateria, normalmente é formada por três berimbaus, os caxixi, os pandeiros, o reco-reco, o agogô e atabaque. Os três berimbaus têm características diferentes: o gunga, berimbau com a cabaça (porongo) maior e que tem o som mais grave; o médio com cabaça menor e tem um som mais agudo que o gunga; e o viola é um berimbau com a cabaça pequena e tem o som mais agudo dos três. Cada berimbau tem um toque específico que juntamente com o caxixi conduz a amônia dos toques. Os caxixis são cestos entrelaçados enchidos com pequenas contas, conchas, pedras ou feijões e que é tocado juntamente com o berimbau. Os pandeiros, podem ser um ou dois, e ficam a direitas dos berimbaus. O agogô, instrumento de percussão metálico, fica a esquerda dos berimbaus. O reco-reco fica a esquerda do

agogô. O atabaque (tambor) fica a esquerda do reco-reco. Os toques são comandados pelo gunga, que realiza o toque de angola e dá a cadência aos demais instrumentos, o berimbau médio realiza o toque "São Bento Pequeno" e faz algumas improvisações. O viola tem a liberdade de improvisar os toques. Os demais instrumentos fazem o acompanhamento. Os cantos, geralmente são compostos de três momentos a ladainha, a louvação e o corrido. A ladainha é quando o capoeirista, geralmente o mais experiente, conta uma história, falando das aventuras ou homenageando algum mestre. As ladainhas, exclusivas do jogo de Angola, são cantadas antes do início do jogo. Os participantes da roda devem ficar atentos ao cantador, pois na ladainha pode ser feito um desafio. A louvação são preces agradecendo as santidades e são entoadas na seqüência da ladainha. O corrido é uma cantiga que acelera o ritmo e que se caracteriza pela junção do verso do cantador com as frases do refrão repetido pelo coro total ou parcialmente, dependendo do tempo que o cantador dá entre os versos que canta. O cantador faz versos curtos e simples que são a toda hora repetidos e o conjunto deles é usado como refrão pelo coro. São cantos acompanhados do coro que são entoados durante o jogo. A roda da Capoeira Angola tem todo um cerimonial, primeiro organiza-se a bateria, o mestre ou o professor assume o gunga e convida alguns dos participantes para, inicialmente fazer parte da bateria. Os demais participantes posicionam-se, ao lado dos participantes da bateria, formando um círculo (roda), quem participa da roda, fica sentado ou agachado esperando a vez de jogar. Depois de composta a bateria e os participantes formarem a roda, o mestre ou quem estiver com o gunga entoa a ladainha e a louvação. Quando começa o corrido inicia-se o jogo, que pode ser interrompido pelo mestre ou quando um dos jogadores pedir para parar. Os movimentos na Capoeira Angola são realizados inicialmente de forma lenta e no final mais acelerados, todos eles partem do movimento básico que é a ginga. Durante um jogo realizam-se movimentos como: ginga, meia-lua, rabo de arraia, martelo de chão, chapa, tesoura, rasteira, aú, chamadas, entre outros. A teatralidade é uma característica da Capoeira Angola, onde seus participantes, usando da malícia, encenam golpes procurando levar o oponente a uma situação que facilmente é atingido. Quando atingido, o jogador não revida de pronto à agressão, ele encena fragilidade, cansaço, vai ao pé do berimbau pede proteção e, geralmente faz a chamada, convidando o jogador a retornar ao jogo. Vai ser na chamada que irá revidar a agressão. O jogador mesmo sendo atingido por um golpe, não perde o bom humor faz graça e pede proteção antes de reiniciar o jogo. Com essa oficina, estamos fazendo uma mostra do trabalho que desenvolvemos no projeto de Extensão Capoeirando no CAP, no qual abordamos a capoeira não como uma simples forma de se movimentar ou como atividade física em si. Nós trabalhamos a capoeira como um

símbolo da resistência à opressão que sofreu e vem sofrendo o negro na sociedade brasileira. A capoeira, representa também uma forma que o povo afro-descendente encontrou para se organizar e resistir à opressão do cativo e na sobrevivência da sociedade liberal que se instituiu no Brasil no final do Século XIX. Assim, trabalhar a Capoeira Angola é refletir sobre a luta dos afros-descendentes por sua liberdade e a valorização de sua cultura, que historicamente foi negligenciada pelas instituições de ensino.